

A Fundação Konrad Adenauer, em parceria com a “Transparency International” reuniu em debate vários atores da sociedade, contando com a presença de Jornalistas, professores, representantes do Ministério da Justiça, representantes do setor privado e sociedade civil para celebrar o dia do combate à corrupção instituído pela ONU.

Abertura:

Felix Dane fez a abertura do evento reiterando a relevância do trabalho da Transparência Internacional, especialmente em um momento no qual diversos escândalos de corrupção têm sido revelados ao redor do país. Ainda dentro desse contexto Felix reiterou a importância do papel da Petrobrás para o Brasil e a urgência com que os casos de corrupção dentro da empresa devem ser tratados e solucionados.

Ao iniciar sua fala Cobus de Swardt, diretor geral da “Transparency International” resumiu em duas palavras sua visita ao Brasil: Empolgação e tristeza. Empolgado por perceber a abertura dos brasileiros em relação a mudança e a necessidade de mais transparência; Tristeza por ver a difícil atual situação do país no que se refere à corrupção. A corrupção atrapalha o desenvolvimento da África do Sul e como sul-africano ele não está nada orgulhoso com a posição de seu país no index da TI. E afirmou que pode perceber que os brasileiros também compartilham desse sentimento e não estão satisfeitos com esse resultado. Segundo ele agora é a hora de fazer alguma coisa:

“Os momentos de crise e corrupção devem ser aproveitados para mudar as coisas. Vocês tem a pressão de cidadãos dizendo basta para a corrupção.”

Além disso, ele citou a reunião que teve em São Paulo com o Prefeito Fernando Haddad, e se disse impressionado com os desafios políticos diários enfrentados por ele em São Paulo.

Cobus afirma que a “Transparency International” pode contribuir com ferramentas e pressão contra a corrupção, mas é o povo brasileiro que tem que aproveitar essa ajuda para mudar. Ainda nesse ponto, no que concerne ao trato da política ele indicou que a organização não tem amigos e nem inimigos: foi construída uma boa base de contatos. A pressão que vem de cima irrita e contribui para que algo seja feito. Há 7 anos atrás quando ele assumiu essa posição ouviu que “pessoas normais não estão interessadas em corrupção, isso é coisa para ongs e acadêmicos”, porém não é o que tem sido visto e ouvido nos últimos anos, o mundo está em plena transformação. Há uma batalha pela transparência e responsabilidade nas contas, e quem resistir irá sair prejudicado. Ele não estava tão

convencido disso há cinco anos, porém vê-se uma tendência de mudança “bottom up”, ou seja, de baixo para cima! E não mais de cima para baixo. Tem algo muito errado quando pobres roubam pão e acabam na prisão, enquanto alguns governantes roubam milhões, nada acontece, e ainda são tratados com respeito. Por isso a organização deu início a uma campanha para descobrir e delatar a corrupção.

A campanha que se chama “Unmask the Corrupt” se baseia em desmascarar os corruptos que agem através de empresas fictícias e a exigência da transparência do registro público dessas empresas. Existe uma maneira simples de se pensar nas “empresas secretas”: é só pensar no impacto que isso causa na economia. Além disso, empresas que entram em licitações públicas tem que ter os donos “mostrando o rosto”.

Em suas palavras finais Cobus deu ênfase na questão da participação do cidadão, segundo ele lutar contra a corrupção é dever de todo indivíduo. O Comprometimento de não pagar propina, não receber propina, relatar abusos, não apoiar e nem votar em políticos que não demonstram comprometimento com a transparência e integridade são algumas das ações que devem ser refletidas como dever de todo cidadão.

Palestra: Corrupção Endêmica

Fausto Martin De Sanctis, Desembargador Federal

Sanctis foi um juiz de destaque no combate ao crime organizado, titular da 6ª Vara Federal de São Paulo, especializada em lavagem de dinheiro. Foi responsável por conduzir a operação Satiaghara antes de se tornar desembargador federal

Nas palavras de Fausto De Sanctis existe atualmente uma enorme vontade de mudar. Estamos enfrentando a corrupção, estamos tentando garantir a tranquilidade de quem está na linha de frente da corrupção. Assim como Cobus, De Sanctis também enfatiza a importância da participação cidadã:

“Aspiramos uma sociedade melhor, mas devemos ser muito mais do que aspiradores, devemos de fato tentar transformar a sociedade.”

Vivemos um ambiente de blecaute constitucional, velado, porém ainda um blecaute, sendo a corrupção um combate permanente. Há muitas vezes uma reação acadêmica que problematiza as posições dos juízes, sendo por vezes considerados parciais e por outras consideradas genéricas demais.

A concentração do poder também é um dos fatores que contribui para a corrupção já que quem detém o poder é capaz de conseguir convencer outros a fazer o que querem.

Painel: Prioridades na luta contra a corrupção

Mário César Carvalho, jornalista da Folha abriu o painel enfatizando a participação de grandes companhias e multinacionais nos escândalos de corrupção no Brasil. As empresas afirmam que corrupção e pagamento de propina fazem parte do negócio.

Fernando Filgueiras, professor da UFMG, cita a operação lava jato como um exemplo da gravidade da corrupção brasileira. Porém é importante entender que a corrupção não é exclusivamente um problema da cultura política. E que nós brasileiros possuímos uma visão fatalista da corrupção, uma sociedade incapaz de resolver seus problemas. Ainda seguindo a linha do “destino fatal” não seria possível investir em instituições sólidas para mudar esse cenário.

Porém Filgueiras afirma que existe uma mudança das instituições na cultura política, sendo a corrupção altamente percebida. Portanto somos hoje capazes de problematizar essa situação, o simples fato de termos nos reunido para falar do assunto já demonstra a mudança em sua percepção. As instituições passam a ter que responder à sociedade e é a sinergia positiva entre sociedade e instituições que provoca mudanças. Uma série de inovações surgiu dessa sinergia tais como a lei anti-corrupção e as mudanças na lei do crime organizado.

Qual seria o grande desafio?

Segundo Filgueiras seria necessário constituir uma política de Estado para o enfrentamento da corrupção, já que ainda enfrentamos fortemente o problema da impunidade. Sentimento de impunidade no âmbito da opinião pública, não decorre da fraqueza das leis, mas de uma forte não cooperação das instituições, pouco capazes de estabelecer um trabalho conjunto, um trabalho que aprimore o trabalho investigativo da corrupção existente. Precisamos fortalecer a cooperação entre o conjunto de instituições não só responsáveis por desvendar, mas também de punir a corrupção. Sem essa cooperação mais forte, ainda manteremos a sensação de impunidade tão marcante na sociedade brasileira. A cooperação das instituições não seria somente responsável pelo fortalecimento do setor público, mas também do fortalecimento da democracia brasileira.

João Ricardo dos Santos Costa, Presidente da Associação dos magistrados do Brasil, inicia sua participação falando sobre a quantidade de possibilidades recursais que são desperdiçadas com a

corrupção, segundo ele bilhões de recursos poderiam estar circulando em outros setores da economia. Existe um pacote contra a corrupção que cria metas para a improbidade administrativa, porém existe uma resistência a política de metas por parte do Conselho Nacional de Justiça. João Ricardo explica ainda a dificuldade imposta ao trabalho dos magistrados, se há um descuido, processos são arquivados. Os magistrados estão propondo junto ao CNJ para que se possa conhecer o litígio no Brasil, agência reguladores que são loteadas pela corrupção, estão propondo uma política nacional de poder judiciário a um centro de monitoramento para que o judiciário dê visibilidade ao litígio do país, que na opinião dele é onde se encontra a vulnerabilidade do sistema brasileiro.

Mário Spinelli, Controlador Geral do Município de São Paulo, inicia sua fala afirmando que o setor privado brasileiro está se colocando como vítima do poder público, já que muitos diretores de empresa indicam que só era possível fazer negócios mediante as negociatas e pagamentos, porém eles sempre tiveram o meio de denunciar e se não o fizeram é porque se beneficiavam dessa relação. O que consequentemente nos leva à conclusão de que existe muita hipocrisia na relação entre o setor público e o setor privado. Apesar disso o país avançou nos mecanismos de combate à corrupção, clara demonstração da efetividade da Polícia Federal e de outras instituições. O que seria fundamental, na opinião de Spinelli, é uma reformulação nas regras dos financiamentos de campanhas. Cita como exemplo os maiores doadores da campanha eleitoral desse ano: empreiteiras, bancos e um frigorífico. Todas elas doaram para os três candidatos com chances na eleição, ou seja, independente de quem ganhasse esses doadores poderiam contar com o apoio de quem chegasse ao poder.

Outro ponto extremamente importante seria a criminalização do enriquecimento ilícito dos funcionários públicos. Utiliza-se como exemplo do caso de um gerente da Petrobrás que depois de descoberto pela polícia concordou em devolver 94 milhões de dólares. Uma opção simples seria verificar se os servidores públicos da prefeitura tinham os bens compatíveis com os seus salários, tal ato poderia ter sido utilizado na Petrobrás. Por fim enfatiza o problema da falta de estímulo e proteção ao denunciante de corrupção no Brasil.

Robert Gregory Michener, professor da FGV, comenta sobre o relatório sobre a lei de acesso a informação pública, o maior já feito no Brasil, que acaba de ser publicado pela FGV.

Michener destaca alguns problemas enfrentados pelo Brasil no que se refere aos entraves no combate a corrupção: sistema partidário, sistema de auto fragmentação, número de partidos elevados, e falta de controle e transparência no financiamento político.

Em relação à sociedade civil, o fatalismo já citado anteriormente pelo professor Filgueiras, não seria exclusivo do Brasil. Segundo Michener os mexicanos, assim como os brasileiros, também acham que a corrupção está no seu DNA, seria algo cultural que não poderia ser remediado.

Por fim Michener encerra sua fala destacando a importância do papel da mídia, que segundo o professor tem que ser protagonista na luta contra a corrupção. Entretanto a mídia não tem o espírito de apoiar reformas do congresso no que concerne a lei de acesso à informação pública. Não haveria no Brasil mídias com o senso de responsabilidade pública.

Painel: Corrupção em larga escala

Fernando Palma, Diretor executivo de Corporate Compliance da Ernst & Young, fez um breve resumo dos programas de compliance, que são o conjunto de disciplinas para fazer cumprir as normas legais e regulamentares, as políticas e as diretrizes estabelecidas para o negócio e para as atividades da instituição ou empresa, bem como evitar, detectar e tratar qualquer desvio ou inconformidade que possa ocorrer. Após essa breve explicação Fernando destaca a maior facilidade de se fazer cumprir os acordos de compliance a luz da legislação americana. Finaliza sua fala com uma frase de impacto: Pequenas corrupções financiam grandes corrupções.

Jamil Chade, Jornalista correspondente em Genebra pelo Estadão expôs algumas contradições do sistema Suíço. Relatou também a imagem do país perante alguns investidores. Ao perguntar a um fabricante de relógios se teria planos de investir no Brasil ouviu a seguinte resposta: “Eu invisto na lua, mas não invisto no Brasil. “Vocês pedem propina até para entrar no país.”“.

Ricardo Saadi, Diretor do Departamento de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional (DRCI)/ Ministério da Justiça citou os laboratórios que apoiam as investigações que tratam de corrupção e lavagem de dinheiro como uma boa medida que está sendo tomada pelo DRCI.

Além disso, Saadi afirma que antigamente ainda havia certo temor por parte das pessoas que cometem crimes financeiros em relação à ameaça de prisão, porém com o passar do tempo e com a certeza da impunidade muitos nem se incomodam quando são pegos pois tem a certeza que não ficarão presos por muito tempo.

Por fim ele considera que as ferramentas brasileiras para a atuação nos casos de corrupção são boas, os problemas são os fins, ou seja, o que acontece no final desse processo. Seria necessário aproveitar o atual momento de comoção para fazer as mudanças.

Rita BIASON, professora da Unesp comentou que o Brasil tem pensado em buscar uma maneira de mudar depois de todos esses escândalos denunciados nos últimos tempos.

Segundo Rita ainda não é possível identificar se estamos avançando, ou se estamos regredindo, não se consegue afirmar com segurança que temos tantas melhorias, falta certa cooperação no judiciário.

Afirmou ainda que todo processo histórico de mudança é lento, é preciso olhar e comparar o Brasil com a Índia, China, México, mas nós insistimos em olhar para a França, Alemanha, são outras circunstâncias.

Solange Falchetta, Consultora de Comunicação foi a moderadora desse painel.

Debate: Corrupção e Integridade no setor privado

Sabrina Valle, Jornalista do portal Bloomberg inicia o debate fazendo uma breve leitura do Artigo “Nunca deixou de se vender tão pouco” publicado pela Folha de São Paulo.

Denis Rodrigo Jacob, Gerente Senior de Commercial Assurance da Becton Dickinson afirma que se o combate à fraude e à corrupção não for desenvolvido e aprimorado dentro de uma organização a mesma não sobreviverá.

Giovani Paolo Falchetta, Coordenador da comissão Anticorrupção e Compliance do Instituto Brasileiro de Direito Empresarial (IBRADEMP) defende que se é possível aprender com os erros dos americanos em relação à integridade do setor privado também seria possível aprender com seus acertos. Infelizmente no Brasil tudo leva muito tempo para acontecer e, além disso, utilizam-se os mesmos instrumentos do passado para lidar com os erros do presente. Na opinião de Giovani a cooperação internacional vai ter um papel cada vez maior para os procedimentos andarem mais rápido e inclusive a cooperação dos EUA vai ser cada vez maior e mais relevante nesses processos.

Sabrina Valle fez algumas perguntas para os participantes do painel:

Além da investigação da SEC os investidores americanos começaram uma série de investigações contra a Petrobrás, qual seria o potencial estrago disso?

Um aspecto direto já é visível: A empresa valia x e hoje vale y. Além disso, a expectativa de balanço da empresa, que ainda não foi liberado, também prejudica a empresa. Por fim acionistas podem entrar com ações individuais contra a empresa.

A Petrobrás é vítima?

É vítima na medida em que teve recursos desviados, mas também é autora porque a Petrobras usava esse dinheiro para manter o próprio status quo. A função desses processos de desvio era fazer o próprio sistema funcionar.

Outra opinião para essa pergunta foi a de que a Petrobrás não seria vítima; a sociedade sim é que é a vítima já que nenhuma empresa é uma ilha.

Por fim os painelistas debateram sobre a mudança de paradigma necessária para tirar o Brasil da inércia. Sendo que a mudança em relação à punição aos culpados em fraudes e corrupção já está acontecendo. Do ponto de vista do setor privado seria importante uma revisão de conceitos de governança levando em consideração os aspectos atuais, já que o mundo corporativo não pode perder tempo, precisa de agilidade.

Alejandro Salas encerra sua participação com uma frase que resume o pensamento de grande parte dos participantes do seminário:

“Não é que todo mundo tem que se transformar num ativista anticorrupção, e sim ter a percepção de ética e integridade nas empresas.”

A Fundação Konrad Adenauer acredita que a parceria com a Transparency International nesse primeiro seminário foi um grande sucesso que resultou em um debate de alto nível com reflexões interessantes sobre um tema relevante e cada vez mais presente na sociedade brasileira. O combate à corrupção e a luta pela transparência são fundamentais para o desenvolvimento de um país, e o Brasil atravessa um momento crucial nesse sentido. Esperamos que a relação, que teve nesse seminário seu primeiro capítulo oficial, seja apenas o início de uma parceria construtiva entre as duas organizações.